

**MAIS MÉDICOS.** Arthur Montenegro é um dos profissionais selecionados pelo governo para trabalhar em postos de saúde no interior de Alagoas. Formado em 2009, com especialização em universidades conceituadas mundo afora, ele cobra mais investimentos na saúde

## “Não bastam só médicos; é preciso mais estrutura”

DAVI SOARES  
REPÓRTER

Antes de descobrir sua vocação para a medicina, Arthur Cabus Montenegro ainda cursou Administração. Alagoano e formado pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal), o doutor Arthur e sua esposa – Otávia Teixeira Peixoto, médica formada pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) – poderiam atuar em qualquer lugar do planeta, com a experiência que adquiriram em estágios e especializações pelo exterior. Mas decidiram cuidar de comunidades carentes do Brasil, ao se inscreverem no programa Mais Médicos, do governo federal. Deram a sorte de serem contemplados com vagas em Marchal Deodoro, perto de familiares alagoanos; pois estavam dispostos a atuar até mesmo em uma comunidade indígena de Cuiabá (MT).

O casal teve experiências no Programa Saúde da Família (PSF) em Campo Alegre, Penedo, Murici e União dos Palmares. Mas, há uma semana, ele atende à comunidade do Francês, e ela à comunidade da Masagueira.

A Gazeta conversou, ontem à tarde, com o médico Arthur Cabus Montenegro, que fez estágio e pesquisa em cirurgia plástica, em Harvard; aprendeu cirurgia cardio-torácica, em Yale; e trabalhou com trauma, emergência e cirurgia geral na Universidade do Texas, nos Estados Unidos. Agora, Arthur atende a cerca de 16 pacientes por dia na Unidade de Saúde da Família Dra. Judilene Souto Barros Soares. Em sua sala, em que dispensa o uso do birô para ter maior contato com seus pacientes, ele expôs à reportagem suas impressões, experiências e decisões que o trouxeram de volta à assistência à população que financiou sua formação na universidade pública.

Mas também critica a estrutura do sistema de saúde do Brasil, que considera precário. Confira.

**Gazeta.** O senhor já passou um ano na conceituada Universidade de Harvard, pesquisando transplante de face e de pele. Já fez teste de validação do diploma para atuar nos Estados Unidos. O que motivou o senhor vir cuidar da saúde dos alagoanos?

**Arthur Cabus Montenegro.** Primeiro, pela oportunidade de chegar aqui e poder trabalhar na atenção básica, na qual eu já tinha trabalhado em Alagoas. E eu gostaria de enfatizar que somos brasileiros, alagoanos e formados em Alagoas. Além disso, desde que me formei, com minha esposa, temos o CRM (certificação do Conselho Regional de Medicina). Para não haver dúvidas de que não temos diploma validado. A primeira experiência que tive foi na primeira semana em que recebi meu CRM, quando me formei, no fim de 2009. Para mim, apesar de ter passado por

vários estágios durante a faculdade, tudo era novo, porque eu era responsável por tudo. Mas foi muito gratificante, porque, ao mesmo tempo em que você é responsável, as pessoas ficam muito agradecidas por você, depois. Quando você faz um trabalho bom e dá atenção ao paciente, que é muito carente no Brasil. E aprendi muito com todos os funcionários de Penedo, que foram maravilhosos. Depois, fui para Campo Alegre, onde passei mais tempo.

**E como foi o retorno ao trabalho aqui em Alagoas?**

Agora, é a terceira vez que estou no PSF. E a gente sofre um pouco com as condições. É uma briga que todos os médicos que trabalham na saúde pública têm. Porque a gente quer que melhore, realmente, a história da medicação, a estrutura para atender aos pacientes, equipamentos, como tensiômetro, otoscópio. E a gente sente falta disso em todos os lugares em que já trabalhamos. Amigos de todos os lugares do Brasil sentem a mesma dificuldade. Por isso que sempre continuamos pedindo melhoras. E acredito muito que há falta de médicos em certos lugares por causa disso. Ninguém quer se dispor a viajar tanto tempo e, quando chegar, não poder fazer o melhor.

**Quando o senhor se inscreveu para fazer parte do Mais Médicos sabia que trabalharia próximo da capital alagoana?**

Não. Inclusive, na inscrição, o médico é obrigado a se inscrever em seis categorias. Uma delas é optar por atuar em comunidades indígenas, obrigatoriamente. Não havia nenhuma em Alagoas. E nos inscrevemos, eu e minha esposa, em uma tribo em Cuiabá. Também optamos pela Barra de Santo Antônio, Aracaju e no interior de Sergipe. Porque Maceió não se inscreveu. Então, a vontade era voltar para mais próximo da nossa região, porque foi onde a gente se formou, é o lugar onde a gente quer mais ajudar e ainda é perto da família.

**O senhor tem alguma restrição horária de 40 horas semanais, estabelecida pelo Mais Médicos?**

É uma carga horária normal de trabalho. Também faremos um curso de especialização em Medicina da Família, como parte do programa. Não tenho restrição nenhuma. A única queixa de todos, realmente, é a questão do piso salarial que o sindicato determina, que é de R\$ 10 mil para 20 horas semanais. E a gente está trabalhando 40 horas para receber R\$ 10 mil. Mas a gente decidiu fazer mesmo assim, porque era próximo da capital, da família. E agarramos a experiência, né? Queremos conhecê-la e ver o que poderemos fazer com a oportunidade.

**E o que já deu para sentir nessa primeira semana de trabalho?**

Ah! É fantástico começar a receber os pacientes carentes que a



ARTHUR CABUS MONTENEGRO  
MÉDICO

“Acho que devia ter sido feito um projeto que talvez se chamasse Mais

Saúde. Para trazer para cada posto desse um investimento maior, para que tivéssemos mais estrutura, mais equipamentos, mais funcionários, como agentes de saúde”

“Eu diria que ele [o SUS] é um projeto, porque é como se ele não tivesse sido implantado em sua totalidade, porque não funciona como deveria”

gente tem aqui. E, em uma semana, já estar recebendo o carinho do povo. As pessoas já vêm assim, dizendo: ‘A minha vizinha veio aqui, adorou o senhor, por isso que eu vim’. Mas estou me sentindo bem. Estou sentindo que a gente, a equipe em si, vai conseguir fazer uma coisa legal.

**O senhor poderia estar em outro ambiente, com outros equipamentos, mas resolveu estar aqui. Por quê?**

Porque acho que a gente pode melhorar um pouco a vida dessas pessoas que mais precisam. Um dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) é dar mais para quem mais precisa. E eu penso assim. Acredito que posso ajudar essa população, um pouco. Mas também preciso da ajuda dos administradores. E conto muito com eles. Conversei muito com o pessoal da Secretaria Municipal da Saúde. E houve promessas deles de ajudar. E realmente aguardo que eles ajudem em estrutura, para melhorar a qualidade de atendimento da população, desde a prevenção até a atenção mais avançada que é possível haver aqui.

**E o que o senhor diz sobre esses protestos e a reação do Conselho Federal de Medicina contra o programa Mais Médicos?**

Olha, o Conselho faz um protesto legítimo que, inclusive, eu participei, mesmo estando longe. Apoio a vinda dos médicos estrangeiros, se eles validarem seus diplomas. Por quê? Nos Estados Unidos, na Inglaterra, na

Alemanha e em qualquer país que tenha uma medicina de qualidade, a validação do diploma de qualquer médico é exigida. Por que o Brasil vai fazer diferente? Se o Brasil quer ter uma medicina de qualidade, ele tem que selecionar os médicos que entram aqui, da mesma forma que ele seleciona as pessoas que entram na faculdade de Medicina, com um vestibular muito concorrido. Então, a minha opinião é que o CRM está corretíssimo de fazer esse protesto e eu apoio. Da mesma forma, apoio os médicos que validaram o diploma e entraram no Brasil.

**Outra questão dessa polêmica é a forma de pagamento do governo federal aos médicos cubanos, que está sendo interpretada como se o Brasil estivesse financiando a ditadura cubana. O senhor gostaria de expor a sua opinião a respeito disso?**

Nessa parte, não me aprofundei. Só ouvi as pessoas falando. Realmente, não tenho como dar a minha opinião. Não sei quanto nem como eles recebem.

**É o mesmo valor. Mas não será depositado na conta de cada médico. Será repassado ao governo de Cuba, que definirá o valor que cada médico receberá, posteriormente.**

Bom. Aí se torna totalmente irregular. Porque, a partir do momento em que você está contratando um médico, e o dinheiro não está indo para o médico que atua no país, é algo totalmente irregular. É como se existisse um repasse de dinheiro para o país. E não com o pensamento de trazer esses médicos e remunerá-los.

**Quantos pacientes estão sendo atendidos diariamente pelo senhor?**

Atendo a uma média de 16 pacientes por dia. A não ser que haja alguma emergência ou urgência que eu tenha que atender. Aí passa desse número. A gente tem um número adequado de famílias nesse PSF. Uma média de 800 famílias. A quantidade é normal. Tem sido bom.

**Qual a avaliação que o senhor faz da saúde pública do Brasil, diante de sua experiência?**

Precaria. Essa é a palavra. Acho que o Brasil tem uma estrutura fantástica. Tem um dos melhores programas, que é o Sistema Único de Saúde (SUS). Eu diria

que ele é um projeto, porque é como se ele não tivesse sido implantado em sua totalidade, porque não funciona como deveria. Melhorou bastante do que era há 20 anos. Mas podia melhorar muito mais se as pessoas o levassem mais a sério. Se os administradores o levassem mais a sério, o SUS hoje poderia ser o maior programa de saúde do mundo. A gente tem alguns sistemas parecidos no Canadá e na Inglaterra. Na França também tem um parecido. Mas o Brasil, infelizmente, não conseguiu organizar o SUS suficientemente para disputar com esses outros sistemas.

**E a sua avaliação do programa Mais Médicos?**

Eu diria que o Mais Médicos é um detalhe apenas, com relação ao que podia ter sido feito. Acho que devia ter sido feito um projeto que talvez se chamasse Mais Saúde. Para trazer para cada posto desse um investimento maior, para que tivéssemos mais estrutura, mais equipamentos, mais medicação, mais funcionários, como agentes de saúde, que reivindicam isso. Então, se o Mais Médicos se transformasse em um projeto Mais Saúde, por exemplo, a gente poderia englobar mais. Minha opinião é que ele é muito pontual. E precisa abranger muito mais do que isso para poder melhorar a saúde da população brasileira. Aí você veria médicos indo trabalhar em todos os lugares do Brasil, até nos interiores mais longínquos.

**O que é que impede os médicos de atuarem nesses lugares? Qualidade.**

**Não é nem a remuneração?**

Remuneração também, com certeza. Mas a remuneração até que melhorou um pouco nos interiores. Se você for mais para o Sertão, por exemplo, consegue chegar no teto que o sindicato pede. Mas não tem estrutura. Esse é que é o problema. Como a gente pode ver, na internet, tem fotos de médicos atendendo pacientes até na calçada, perto de animais como cavalos, bois. E é uma pena isso. E eles vão porque acho que a maioria dos médicos têm aquela paixão de querer fazer alguma coisa para melhorar as condições de vida das pessoas. E nem adianta perguntar ‘por que vai, então?’. Vai por esse sentimento. Mas o difícil é que isso frustra e cansa. O